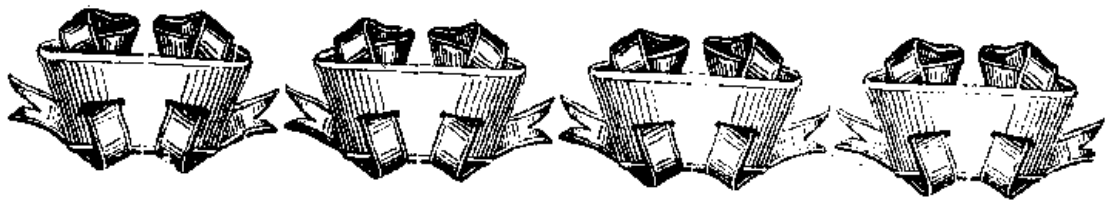

Documentos relativos ao Mestre de Campo

Moraes Navarro

Noticias para um capitulo novo da historia Cearense.

(Collecção Studart)

O Norte e o Nordeste Brasileiros não tiveram attracções para os destemidos desbravadores do sertão, para os bandeirantes Paulistas. E' que não promettiam proveitos, que os compensassem das distancias a vencer e dos trabalhos que haviam de enfrentar antes lhes acenavam mil difficuldades sem remuneração, ameaçando-os com a escassez de condições geographicas, mesologicas propicias ás suas marchas e labutas, com a falta de rios navegaveis, que podessem aproveitar-lhes a guisa do São Francisco e Tietê, tanto de seu conhecimento, estradas naturaes, grandes caminhos já feitos para a penetração do interior do paiz, com a falta de mattas, com climas inhospitos e solos aridos e resequidos por seccas violentas. Não obstante alguns andaram por cá.

Aos que a boa ou má fortuna conduziu ao Ceará não deslumbrava a cobiça dos grandes thesouros, não cegava a sêde do oiro a maneira de tantos outros celebrados nas chronicas sulistas; esses obedeceram, como na Parahyba e Rio Grande, ás injuncções de conter e repellir o selvicola e assegurar as fazendas de gado e os nascentes nucleos de população contra suas investidas, indo sempre a repulsão até o criminoso e nunca por demais censuravel processo do mais infame captiveiro ou do mais barbaro morticinio.

Mathias Cardoso d'Almeida, que foi socio de Fernão Dias Paes, por sete annos empenhado *em fecundar o deserto* na phrase de Olavo Bilac, e que teve o nome assignalado no arraial por elle estabelecido á margem direita do S. Francisco, arraial hoje chrismado de Morrinhos, pertence á historia Cearense

Governando a Bahia Mathias da Cunha, pediram-lhe os moradores do Ceará e Rio Grande que os soccorresse contra mortiferos e repetidos assaltos dos indios; após consultas feitas em junta das pessoas competentes, uma creação de D. João IV no anno de 1655, assentou-se em expedir ordens a Pernambuco, Parahyba e Rio Grande no sentido de se ajuntarem tropas para o fim requerido. Como não aproveitasse esse expediente, houve recurso aos Paulistas requisitando-os o successor de Mathias da Cunha, o arcebispo frei Manoel da Ressurreição por carta de 30 de Agosto de 1689 a Thomaz Fernandes de Oliveira, capitão mor governador de S. Vicente e S. Paulo.

Escolhido Mathias Cardoso para chefiar a expedição, partiu nesse mesmo anno (1689) e depois de longa e penosa travessia por terra chegou ao rio S. Francisco onde ficou a aguardar a chegada de tropas com que pudesse completar o terço. Trouxe-as com effeito o Capitão-mor João Amaro, filho de Estevam Ribeiro Bayão Parente, e com ellas se fez a campanha que durou por 6 annos terminando pela dispersão, morte ou aprisionamento dos indios. Alem de João Amaro, cuja estadia principal foi no Ceará, onde alem dos serviços de guerra empenhou-se na plantação e cultura das serras, a de Pacatuba por exemplo, figuraram tambem como cabos Antonio Gonçalves Figueira, natural de Santos e os capitães de infanteria João Pires de Brito e Miguel de Galois de Vasconcellos. Não tomou parte nella o irmão do Mestre de Campo, Manoel Cardoso, embora o diga o genealogista Taques, porquanto já havia fallecido (1683) ao tempo da expedição. Taques confundiu com esta a expedição de D. Rodrigo de Castello Branco ao sertão de Sabarabussu em que effectivamente estiveram os dois irmãos Cardoso de Oliveira.

Depois da guerra ficou-se Mathias Cardoso nos sertões do São Francisco, onde montou grandes e importantes fazendas. Seus companheiros João Amaro e Gonçalves Figueira fixaram-se egualmente por alli.

Silva Leme no vol. III de sua *Genealogia Paulista* diz que Mathias Cardoso teve de seu consorcio com D. Ignez Gaya um unico filho, Januario Cardoso, que foi tambem Mestre de Campo e senhor do arraial e egreja chamada de Januario Cardoso no Rio de S Francisco; em documento do meu archivo fala-se de um outro filho, morto pelos indigenas na expedição ao Ceará; foram portanto dois.

O paulista João Amaro Maciel Parente servira contra o gentio em companhia do pae quando do governo de Affonso Furtado. Nomeado por Patente de 10 de Abril de 1690 para Capitão-mor das tropas que de S. Paulo, como eu disse acima, tinham de completar o terço de Mathias Cardoso, partiu para o S. Francisco e ajuntou-se ao grosso das forças, que o estavam esperando e a sua gente. Unidos, tiveram de estacionar ahi ainda por quatro mezes emquanto chegavam ordens do Arcebispo governador para dar-se inicio ás operações, e estas recebidas foram distribuidas as praças por pontos diversos até o rio Jaguaribe onde ficou estabelecido o arraial, que João Amaro salvou das investidas dos indios por diversas vezes. Poder-se-a precizar o local em que assentaram os expedicionarios o arraial ou acampamento? Diz Silva Leme que foi mesmo na barra do Jaguaribe.

Por chefe do arraial ficou João Amaro em occasião em que o Mestre de Campo teve de ausentar-se a fim de condusir do Ceará ao Rio Grande tres mil cabeças de gado. Parece-me não haver erro nesse tão elevado numero de rezes ajuntadas e conduzidas do Ceará (tres mil), porquanto se encontra consignado em dous Docs., um em que se refere a Lista dos serviços de João Amaro e o outro que regista os serviços de Moraes Navarro (Doc. n.º 3). Assim sendo não admira que do Jaguaribe saissem para

as forças de Fernandes Vieira em 1647 uma manada de 700 bois, facto por alguem contestado.

No Rio Grande o Mestre de Campo Mathias Cardoso levantou tambem um arraial.

No Livro VII da sua *America Portugueza*, capitulo 53, Rocha Pitta commette o engano de attribuir os feitos de Mathias Cardoso, cabos e soldados e a pacificação dos indios do Ceará e Rio Grande ás forças que suppõe terem vindo de Pernambuco, Parahyba e Rio por ordens de Mathias da Cunha; o notavel Mestre de Campo e os valentes Paulistas não lhe mereceram uma linha de referencia. E alias o illustre historiador Bahiano consigna em sua obra que o fallecimento de Mathias da Cunha occorreu a 24 de Outubro de 1688.

Estevão Ribeiro, pae de João Amaro, realizou varias entradas no reconcavo da Bahia, foi (1675) á villa de Porto Seguro, 50 leguas de sertão a dentro a descobrir a Serra das Esmeraldas, nada conseguindo pela opposição que encontrou da parte dos indios, e por haver desembaraçado delles larga faixa de terra visinha ao rio Paraguassu, e construindo Egreja, casas e curraes, se lhe fez mercê do titulo de donatario e governador daquella conquista de que, aliás, não se utilisou por haver morrido logo depois. Em data de 12 de Janeiro de 1696 o Conselho de Ultramar opinou que o titulo passasse ao filho conforme requerera. Por isso e mais porque vejo dos documentos do meu archivo que João Amaro fasia petições e outros papeis só ao Governador da Bahia e só por intermedio do Erario da Bahia requeria seus pagamentos e mercês é que julgo haver fixado alli a residencia, deixando de vez a terra do berço.

O citado auctor da *America Portugueza* attribue sem razão a João Amaro esses combates e victorias alcançadas pelo pae sobre os indios da Bahia, bem como dá ao filho os premios e as mercês, que primeiro ao pae concedera a munificencia regia.

Ao tempo em que Mathias Cardoso combatia os selvicolas do Ceará, Domingos Jorge, seu antecessor no commando das tropas da Ribeira do Assú, tomava a si

por ordem de Felix Machado (1691) a difficil empreitada da conquista da Troya Negra, contra a qual haviam naufragado outras muitas expedições. Referentes á lucta dos Palmares publiquei diversos documentos nas paginas da Revista da Academia Cearense.

Para castigar os Paiacus ou Pacajus, Janduins, Icós e outras tribus de corso, que no Jaguaribe chegaram a ferir Mathias Cardoso e a matar-lhe um filho, foi que Fernão Carrilho, Capitão mor do Ceará, expediu a 26 de Junho de 1694 um troço de soldados sob o commando de Francisco Dias de Carvalho, pertencente ao terço do Mestre de Campo Zenobio Achioly. Fernão Carrilho serviu tambem na Bahia, Pernambuco e Maranhão, nesta ultima Capitania como locotenente do governador e capitão general. Foi auxiliar de D. Rodrigo de Castello Branco no descobrimento das minas de prata de Itabayana e acompanhou Soares de Macedo no descobrimento das minas, que se dizia existirem nas serras de Hicarassa. Indo residir em Pernambuco teve do governo (27 de Junho de 1709) o soldo de 40$ mensaes, o mesmo que desfructara como locotenente em Maranhão.

Uma Carta Regia de 12 de Dezembro de 1695 a Caetano de Mello e Castro refere-se á venda de indios captivados por Francisco Dias.

Foi, pois, a de Mathias Cardoso a 1.ª expedição Paulista organizada regularmente com o fito de dar caça aos indios do Ceará.

Cumpre, tambem, recordar que no anno de 1692 andaram no Ceará Paulistas de Francisco Dias de Siqueira, não em campanha regular é certo, mas no empenho de retirar indios da Ibiapaba, embora já domesticados, no que foram contrariados, com applauso do governo de Lisbôa, por Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, então governador geral do Estado do Maranhão. O capitão-mor da conquista Francisco Dias de Siqueira tinha a seu cargo de ordem do governador geral do Brasil a extincção dos tapuias do corso e o descobrimento do caminho entre os Estados do Maranhão e Brasil e andava então nas visinhanças da Capitania do Pará.

O descobrimento do caminho entre os dois Estados realizou-se no governo de Antonio de Albuquerque; vê-se isso de sua correspondencia e de Cartas Regias, como por exemplo as de 3 de Dezembro de 1692 e 25 de Janeiro de 1696, alludindo-se nesta ultima a haver a estrada attingido a *humas povoações de creadores de gados da jurisdição da Bahia citas nas cabeceiras do rio Parao asu que dezagoa na costa entre o Siará e o Maranhão.*

O administrador das ditas fazendas, Antonio da Cunha Sottomaior apressou-se em requerer a Antonio de Albuquerque uma data de seis legoas de terra, mas como não estava até então ainda determinada a divisão dos limites dos dois Estados relativamente aos disimos, recusou-se Antonio de Albuquerque a deferir o pedido até que a isso o auctorizou El-Rei pela citada carta de 25 de Janeiro.

Como cabo da tropa encarregada de comboiar os descobridores da nova estrada do Brasil saiu de S. Luiz do Maranhão João Velho do Valle.

Seguiu-se á expedição de Mathias Cardoso a que commandou o Mestre de Campo Manoel Alvares de Moraes Navarro, filho de Manoel Alvares Murzello e de Anna Pedrosa de Moraes, ajuntando-se-lhe por cabos principaes Pedro Carrilho de Andrade, Bento Nunes de Siqueira, Theodosio da Rocha, José de Moraes Navarro, irmão de Manoel Alvares, Francisco de Lemos Matoso e Salvador de Amorim e Oliveira.

Esses eram os de mor responsabilidade. Faziam parte mais os Ajudantes Manoel Nunes de Azevedo e Francisco Fajardo Barros, os Alferes Antonio Simões Moreira, Pascoal Gomes de Lima, Marcellino Leitão de Oliveira, Salvador de Sequeira Roldon, Manoel Pedrosa de Moraes, Diogo Barbosa Rego, João da Costa Marinho e os Sargentos Francisco Antunes Meira, Antonio de Mendanha, Marcos de Oliveira, Antonio Pinheiro, Francisco Tavares Guerreiro, Antonio Cabral de Vasconcellos, Manoel Luiz

Correia, Salvador Dias, Bento Vieira Barros, Martinho Vaz de Barros e Manoel do Prado.

Cito-lhes os nomes porque serviram egualmente em outros pontos da colonia e alguns se notabilisaram por feitos guerreiros.

Tratam de Moraes Navarro os Docs da minha Collecção, que ora faço conhecidos no intuito de aproveitar aos leitores da Revista do Instituto. Mercê desses docs. poder-se-a architectar um capitulo, ainda inedito, da historia do Ceará.

Servira Moraes Navarro primeiro e por mais de 5 annos como alferes da fortaleza Vera Cruz, de Itapema, capitania de S. Vicente, para cuja reedificação muito concorreu, e passando a capitão de ordenança, foi provido em 1689 pelo governador da Bahia, que então era o Arcebispo, no posto de sargento mor do terço empenhado em fazer guerra aos indios do Rio Grande. Reunidos a elle largo troço de Paulistas e alguns indios, veio por mar até Bahia e d'ahi partiu por terra com armas e instrucções para o sertão do Rio S. Francisco, 220 leguas distante, onde estacionava Mathias Cardoso, o Mestre de Campo do terço. A jornada mostrou-se demorada e difficultosa não sendo dos menores empecilhos a irrupção da variola, que matou muitos officiaes e soldados.

Entregues as munições teve de ir novamente á Bahia a conferenciar com o Arcebispo sobre cousas da expedição e de regresso ao acampamento fez o trajecto por Jacobina, arrebanhando os indios que poude, cerca de 200, de nações diversas.

Moraes Navarro, portanto, fez a guerra dos indios do Rio Grande ainda em tempo de Mathias Cardoso com quem serviu como sargento-mor sendo que no decurso desse tempo, que foi de alguns annos, foi a pedido de Domingos Jorge Velho auxilial-o contra os negros dos Palmares levando gente de Porto Calvo e Alagoas, fornecida por ordens do Marquez de Montebello, e indios do Camarão.

Certificado de que as emprezas não podiam ir avante sem mais accrescida ajuda dos Paulistas, offereceu-se

para ir a S. Paulo levantar um terço e para esse effeito entendeu-se pessoalmente com os governadores de Pernambuco e Bahia. A occasião não podia ser mais azada e tudo reclamava a adopção de medidas urgentes: o terço de Mathias Cardoso se havia extinguido por falta de pagamento dos soldos e por falta de qualquer auxilio, e do outro lado cresciam as investidas dos selvagens contra as populações. Havendo chegado ordens terminantes ao governador geral Dom João de Lancastro para pôr um paradeiro a tal estado de cousas, ficou resolvida a creação de um terço de 100 brancos e 400 indios, e foi então escolhido Moraes Navarro, o homem que a situação requeria, por Mestre de Campo. Sua Patente de nomeação traz a data de 25 de Maio de 1696. No proposito de melhor organizar o terço e preparar os meios para conduzir ao desejado termo a expedição obteve uma licença e embarcou para Portugal, onde ainda se achava em Dezembro daquelle anno.

Quando iniciou Moraes Navarro sua campanha contra os selvagens? Diz o meu prezado e erudito amigo Dr. Basilio de Magalhães na sua valiosa memoria sob o titulo *Expansão Geographica do Brasil até fins do seculo XVII* haver elle chegado ao Rio Grande em 18 de Novembro de 1698 Não o affirmo, mas bem pode ser; o que sei é que sua entrada na Ribeira do Jaguaribe teve lugar a 30 de Julho de 1699. Accompanhavam-no 130 infantes e dusentos e tantos Janduins. O pretexto da entrada era dar guerra aos Caratheus e aos Icós e buscar alliados para ella.

Vê-se dahi que não tem razão Varnhagen quando affirma na sua Historia Geral que Bernardo Vieira de Mello operara em *1697* a pacificação *total* dos Indios do Rio Grande. Tanto isso elle não realizou que foi necessaria a bandeira de Moraes Navarro. O grande historiador patricio distribuiu mal os papeis e os louros.

Penso tambem que as tropas que suppõe expedidas da Bahia em 1699 para o Maranhão contra os indios de Itapicurú e Mearim são essas do terço de Lan-

castro vindas para o Rio Grande e Ceará. O silencio de Berredo a respeito é significativo.

Chegado á Aldeia da Madre Deus, enviou carta amistosa a Genipapoassú, maioral de um dos ranchos dos Payacus, que os havia diversos, convidando-o a ir vel-o com os filhos e as mulheres a quem queria mimosear com brindes. Os Payacus, indios de paz e em grande numero ja baptisados, accedendo ao convite foram se lhe apresentar e quando se entregavam ás danças e folgares eis que Genipapoassú e um irmão são prostrados sem vida, sendo o ultimo com um tiro da espingarda do proprio Navarro, e a este signal ou senha começou horrenda matança em que rivalisaram em barbaria os soldados e os janduins. Foi isso a 4 de Agosto de 1699. Quatrocentos e tantos Payacus jaziam exanimes no solo e mais de duzentos eram conduzidos para o arraial do Assú, base das operações do terço.

Com a maxima clareza, com um luxo de minucias e particularidade, que choca a alma mais dura, Moraes Navarro fez 21 dias depois a D. João de Lancastro detalhada exposição do acontecimento e seus antecedentes. E' o Doc. n.º V. A linguagem dessa carta, que se inicia por expressões de louvores e agradecimentos a Deus, revela um homem senhor das situações difficeis, fero mas consciente do seu acto, não fugindo ás responsabilidades, certo da necessidade e justiça da empreza, que preparou e realizou embora a custa do mais terrivel morticinio Segundo os dizeres della a situação do Mestre de Campo era : rivalizar em astucia com o Genipapoassú, oppôr estratagema a estratagema, traição á traição, matar para não ser morto ; dahi a tragedia de 4 de Agosto.

Do acto commettido contra os infelizes selvicolas tomaram a defeza Pedro Lelou, Barboza Leal e o jesuita Guinzel em cartas escriptas ao dito João de Lancastro e este por sua vez perante o governo da Metropole. São os Docs. N.os

A de Lelou, toda recheada de periodos eruditos e de reminicencias historicas, refere-se claramente á inimizade de Bernardo Vieira contra Moraes Navarro cujo posto

de Mestre de Campo ambicionava ; segundo elle, e nisso concordam os partidarios do Mestre de Campo, o Capitão mor do Rio Grande induzira os Janduins a se reunirem aos Payacus e irem juntos se offerecer aos Paulistas para a guerra aos Icós e que quando vissem os Paulistas em campanha despercebidos os degolassem a todos. «O Jandoim, diz a carta, asseytou o partido e marchou para a campanha, e com ser Gentio Barbaro considerando a vil acção o foy revellar, e vindo a nacção dos Payacus a fazer a sua (acção) debaixo de seus folguedos e danças se assegurou o Paulista, e dando senha o Jandoim os investio, livrandosse o Paulista de hua trayção tam grande, e veyo a descubrirse a tregedia de Bernardo Vieyra».

Esses choques e attrictos entre os administradores e os homens á frente das expedições militares são communs nas chronicas Brasileiras; o que se dava com Moraes Navarro e Bernardo Vieira constituia espectaculo muito da vista e experiencia dos antigos colonos. E' a mesma lucta de Bernardo Pereira de Berredo com o Mestre de Campo da Conquista de Piauhy e Maranhão Bernardo Carvalho de Aguiar.

No fundo estavam o ciume do mando e o interesse pecuniario em jogo. O soldado em campanha era um competidor a mais, um concorrente importuno na partilha do indio; pensava-se, e com acerto, que quanto menos licitantes apparecessem no mercado mais baixo seria o preço da mercadoria e mais facil a acquisição. Convençamo-nos todos que o indio só teve um verdadeiro amigo e protector no Brasil—o Jesuita, o missionario catholico.

Tenha ou não justificativas a aleivosia commettida contra Genipapoassú e sua gente, o facto é que a despersão dos indios seria total e a represalia na altura da aggressão si os Padres do arraial não entrassem a acalmar os animos e si o Padre João da Costa, da Congregação de S. Felippe Nery, a quem pertencia aquella missão desde 1696, não contivesse os que bradavam por vingança. Ainda assim houve lucta com os tapuias do logar Podi ou Poty na volta da expedição para o arraial.

Em busca dos levados como captivos saiu o missionario, mas não só todos os seus esforços e rogativas de nada valeram como até houve de lá regressar entre apupos e ameaças. Diminuira-lhe talvez os creditos e a auctoridade uma sua carta ao capitão Theodosio da Rocha, aproveitada como elemento de defeza por Moraes Navarro e seus cabos.

Crescendo a grita e accentuando-se e pormenorizando-se as accusações, o bispo de Pernambuco D. frei Francisco de Lima, a pedido de Berenguer de Andrade, tio de Bernardo Vieira, diz Pedro Lelou, expediu uma Pastoral determinando que os Paulistas não fizessem guerra aos indios que estavam em paz e dessem liberdade aos Payacus, injustamente captivados, sob pena de os *declarar por publico excommungados, malditos e amaldiçoados da maldiçam de Deus todo poderozo e dos bemaventurados Apostolos Sam Pedro e Sam Paulo e de todos os Santos da Corte do Ceo.*

A pastoral, escripta a 23 de Setembro de 1699, e de cuja execução foi encarregado o Vigario do Ceará João de Mattos Serra, terminava nos termos seguintes:

«E não satisfazendo o dito Mestre de Campo e seus parciaes ao que dito he os evitem dos officios divinos prohibindo debayxo da mesma pena a todos os fieis os não tratem ou comoniquem athé não satisfazerem e humildemente pedirem absolviçam a qual reservamos a nós».

Conhecedor do acto do bispo, Moraes Navarro por seu bastante procurador Bento Nunes de Sequeira offereceu no logar Sacco protesto de nullidade e aggravou do Bispo para o Arcebispo da Bahia. No entretanto o processo proseguia em seu curso e o Vigario João de Mattos abria larga devassa e ouvia na Egreja da Madre Deus grande numero de testemunhas.

Diz-se que a devassa foi concluida em Natal nos proprios aposentos de Bernardo Vieira, o que a inquina de parcial e inacceitavel.

Apezar dos embaraços oppostos, a Pastoral foi af-

fixada á porta da Egreja do arraial do Assu pelo proprio capellão da expedição o Licenciado Padre Pedro Fernandes. Alem desse havia no arraial os Padres Felippe Bourel e João Guinzel, Jesuitas allemães, alli chegados da Bahia a 12 de Outubro e destinados á catechese e aldeiamento dos Payacus. Sujeitos de conhecida virtude e letras, diz delles D. João de Lancastro a El-Rei em carta de 7 de Janeiro de 1700.

Moraes Navarro attribuia a ogeriza, que lhe votava o Bispo de Pernambuco, ás preferencias que manifestava pelos Jesuitas e padres da Bahia, como explicava os odios do Padre João da Costa pelo facto de haver negado parte das presas que lhe pedira para um sobrinho.

A 24 de Outubro Bento Nunes e Pedro Carrilho renovaram o appello e o aggravo para o Arcebispo e mais para o Juiz dos Feitos da Coroa.

Sob o titulo «Papeis lançados nesta Notta pertencentes ao Mestre de Campo Manoel Alvares de Moraes Navarro» ha varias peças do processo movido por Moraes Navarro e seus cabos a fim de annular o acto da auctoridade Diocesana. Nessas peças figuram Balthazar Antunes de Aguiar como Escrivão da vara ecclesiastica e Manoel Gonçalves Branquo como Escrivão da Fazenda Real.

Entre os attestados que lhe são favoraveis encontram-se os do dito Gonçalves Branquo, Manoel da Silva Teixeira, provedor da Fazenda e Manoel Fernandes de Mello, almoxarife, e os de varios moradores daquella campanha, sendo o primeiro da lista Manoel Rodrigues Arioza.

Contradisse os itens da defeza o Padre Manoel de Carvalho, homem de virtudes e tambem muito conhecedor dos sertões, qualidades que lhe valeram ser encarregado da missão da Ribeira do Assu, segundo vê-se de uma carta de 14 de Março de 1701 escripta pelo ministro Monteiro Paim a D. Fernando M. de Lancastro. Era irmão de Antonio de Carvalho Almeida, que foi Capitão-mor do Rio Grande. Donde se conclue que o dezastre

de Moraes Navarro acarretou tambem a retirada dos dois Jesuitas patrocinados por D. João de Lancastro.

No animo da tropa o effeito da ameaça de excommusão foi o que era de esperar; justa ou injusta, a ordem do Bispo incutiu o terror costumado. Era isso proprio dos tempos; a massa popular deixa-se mover pelas idéas e sentimentos de sua epocha, é escrava do meio em que exercita sua actividade, das convenções sociaes que então imperam e dominam. E os effeitos da ordem foram taes que uma espedição logo após projectada por Moraes Navarro contra os Janduins não logrou ir avante; os soldados do terço não ousando affrontar os raios da Egreja preferiram deixar-se *expostos a esperar o golpe do inimigo a chegar a ser punidos pela Egreja ficando com a opinião de rebeldes aos seus preceitos.* Essa disposição em que se encontravam os soldados animou os Janduins a accommetter a aldeia da missão do Padre Felippe Bourel, uma das duas que Moraes Navarro tinha estabelecido, não tendo todavia conseguido destruil-a pela tenaz resistencia, que lhes oppoz a guarnição.

Levada a questão ao conhecimento do governo da Metropole e feito o estudo de todo o processo por Miguel Nunes de Mesquita, com cujo parecer se conformaram os demais membros do Conselho, foi expedida a 15 de Dezembro de 1700 uma Ordem Regia determinando que o Ouvidor da Parahyba Soares Reymão desocupandose de tudo fosse ao arraial do Assu, prendesse Moraes Navarro e o remettesse para Pernambuco ou Parahyba e que se fizesse essa diligencia sob o mais rigoroso sigillo. O official Manoel da Rocha Lima acompanhou o Ouvidor na diligencia ordenada.

Moraes Navarro foi effectivamente levado preso para Pernambuco e recolhido ao seguro da cadeia e com tal recato que por deixal-o andar solto alguns dias o respectivo carcereiro foi condemnado á multa de 20$ e a 2 annos de degredo, segundo vê-se de uma carta do Ouvidor da Parahyba em data de 10 de Setembro de 1701.

Sabe-se que em 1711 andou na Capitania de Minas Geraes. Casou tres vezes, sendo uma em S. Paulo e

duas em Pernambuco, onde falleceu em edade muito avançada. Casou a 1.ª vez com Maria de Oliveira, filha de Manoel de Amorim Falcão e de sua mulher Luiza de Oliveira, naturaes de S. Paulo; a 2.ª com Ignez Barbalho Lins, filha de Antonio Borges Uchoa e Anna Maria de Mello, filha de Leandro Pacheco Falcão e de sua mulher Maria Anna de Mello, e a 3.ª com Thereza de Jesus Lins, filha de Christovam Lins e de sua mulher Adrianna Wanderley.

Do 2.º casamento teve um filho unico Manoel Alves de Moraes Navarro Lins, que foi capitão de ordenanças, commandante da freguezia de Maranguape, juiz de fora e de orphãos e vereador da Camara de Olinda, e do 3.º teve: Anna Francisca Xavier, notavel pelos dons do espirito, de quem trata com louvores Loreto Couto, a qual casou com o Doutor em medicina João Luiz da Serra Cavalcante, filho do Capitão Pedro Coelho Pinto, fallecido em 1776 com 90 annos, e de sua 1.ª mulher Romualda Cavalcante, filha de D. João Luiz da Serra; Izabel Thereza de Moraes Lins, que casou com o Doutor Manoel de Araujo Cavalcante, procurador da Fazenda e coroa em Pernambuco, irmão de João Luiz; Maria de Moraes Lins, que casou com Antonio de Araujo Vasconcellos, senhor do engenho Mussupinho do termo de Iguarassu e Adrianna Wanderley, que casou cerca de 1755 com seu parente Gonçalo José Cavalcante.

Moraes Navarro era Cavalleiro da Ordem de Christo. Dos livros da Misericordia de Olinda consta que foi Irmão Provedor a 5 de Julho de 1731 e dos da Camara da mesma cidade vereador mais velho em 1736 e 1745.

De tudo que levo dito e do que se vê nos documentos adiante, chega-se entre outras ás seguintes conclusões, que invalidam assertos de alguns dos nossos historiographos:

1) Moraes Navarro não sahiu de S. Paulo antes de 1689, pois si assim fosse teria precedido á expedição Ma-

thias Cardoso, mas naquelle anno foi provido em sargento-mor do terço do destemido sertanejo.

2) Effectivamente succedeu ao dito Mathias Cardoso como Mestre de Campo dos Paulistas empenhados contra os indios do Rio Grande e Ceará mas á frente de um novo terço, que o de Mathias se tinha desorganizado e dispersado.

3) O que deu causa á representação da Camara de Natal, á Pastoral do bispo frei Francisco de Lima e ao processo, que se seguiu, não foi a destruição dos Janduins, mas sim dos Paiacus do rancho de Jenipapoassu.

4) Moraes Navarro não exercia mais o seu alto posto em 1701, porquanto a esse tempo jazia na prisão em Pernambuco.

BARÃO DE STUDART.

Os Docs. seguem na Revista seguinte.